

"Negociações serão demoradas e difíceis"

23 FEV 1987

Dir. Gubern

por Paulo Sotero
de Washington

Os bancos receberam o anúncio da suspensão dos pagamentos dos juros dos empréstimos de médio e longo prazo que fizeram ao Brasil com uma mal disfarçada preocupação mesclada de resignação e pragmatismo.

Todos previram, contudo, que as negociações com o País serão demoradas e difíceis. Uma fonte do governo americano classificou a decisão brasileira de "moderada", mas previu que Washington provavelmente não se envolverá, ao menos de imediato, nas negociações entre as autoridades econômicas brasileiras e os bancos.

"A medida que o governo brasileiro tomou em relação ao pagamento de juros é igual à de 1982-83, com duas diferenças importantes: a primeira é a politização da questão; a segunda, o fato de, ao contrário da crise anterior, o governo brasileiro não parece ter um plano traçado para enfrentar a situação que provocou a crise financeira. E essas duas coisas são preocupantes", afirmou um alto executivo de um banco de Nova York.

"Em 1982, Figueiredo não foi à televisão anunciar a suspensão de pagamen-

tos, como o presidente Sarney fez agora. E mandou sua equipe econômica a Washington com um plano do que iria fazer para consertar a situação. Isso traz um elemento a mais de incerteza."

"Há uma terceira diferença importante com o que aconteceu em 1982", afirmou o funcionário americano. "A medida anunciada pelo governo brasileiro afeta apenas os empréstimos dos bancos comerciais. E isso coloca os bancos numa situação nova e, para eles, certamente mais preocupante."

A consciência deste fato parece ter tido um efeito importante na forma como os bancos receberam a decisão brasileira. "Nós acreditamos que essa crise foi gerada em grande parte por decisões equivocadas que o governo brasileiro tomou."

O Cruzado foi uma grande oportunidade perdida, e todos esperam que as autoridades econômicas aprendam com seus próprios erros. Mas bancos são instituições realistas, que não ficam lamentando sobre quão bom as coisas poderiam ter sido", afirmou um outro banqueiro.

"Não há ressentimentos e o fato importante é que não é bom para ninguém que um país como o Brasil

fique nessa situação", acrescentou. Referindo-se ao anúncio feito por Sarney, o banqueiro disse que havia três coisas importantes a considerar: primeiro, o tom do discurso do presidente; segundo, a presteza com que as autoridades brasileiras iniciarão as negociações; e, terceiro, o programa econômico que adotarão para enfrentar os problemas.

"O tom do discurso do presidente não foi de confronto. E isso é bom. Agora o importante é que Funaro venha a Nova York para conversar", afirmou. Procurando enfatizar os aspectos positivos, o banqueiro revelou que, durante a tarde da sexta-feira, o ministro da Fazenda, Dilson Funaro, telefonara para seu "chairman" para antecipar-lhe as decisões que o presidente Sarney anunciaria em seu discurso. "Foi um gesto de cortesia e foi bem recebido no banco, pois atitudes assim criam um clima mais propício ao entendimento."

Mas houve também reações mais indignadas. Comentando o fato de o presidente brasileiro ter, em seu discurso, tomado a rara iniciativa de revelar o nível das reservas líquidas do País — que

(Continua na página 19)

"Negociações serão..."

Dir. Gubern
por Paulo Sotero
de Washington

(Continuação da 1ª página)

todas as fontes classificaram de mais alto do que supunham —, um executivo de um dos grandes bancos de Nova York perguntou: "Mas se ele admite que tem dinheiro, por que suspendeu os pagamentos?". Em seguida, o banqueiro recorreu a uma variação do velho lema do devedor em dificuldade. "O que ele está dizendo com isso é de vo, não nego, tenho dinheiro e não pagarei". Tocando num ponto sensível, ele disse que se o governo apresentar aos banqueiros um pedido de dinheiro insistindo em não fazer um acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), "as coisas ficarão muito difíceis". Mas, ressaltou, logo em seguida: "Mas não estou dizendo que seja impossível".

O anúncio da suspensão dos pagamentos, pelo presidente Sarney, foi comunicado com uma hora e meia de antecedência ao governo americano pelo embaixador brasileiro em Washington, Marcílio Marques Moreira. No final da tarde, Marques Moreira entregou ao secretário de Estado adjunto para Assuntos Econômicos, Douglas McMinn, uma nota contendo as prin-

"Não havia alternativa", diz Vidigal

por Luis Leonel
de São Paulo

"É algo grave, mas não tínhamos alternativa", afirmou a este jornal o presidente da Abdib, Roberto Caiuby Vidigal, comentando a decisão do governo de suspender o pagamento dos juros da dívida externa.

Ele teme que as linhas de crédito para importações e exportações brasileiras possam ser cortadas pelos bancos dos países credores. "A linha de crédito 509, da Finex, por exemplo, é essencial para nossas exportações, e ela é financiada com recursos dos bancos estrangeiros. Tememos que ela possa ser cortada", disse. Da mesma forma, deverá se tornar mais difícil obter no exterior linhas de crédito para financiar as importações do País.

cipais medidas. A este jornal, ele afirmou que ouviu de McMinn declarações sobre a boa disposição de Washington diante da situação brasileira. Marques Moreira negou a informação corrente no Brasil de que assumirá um papel importante na negociação com os bancos, afirmando que seu papel, como embaixador, é obter a compreensão e o apoio do governo dos Estados Unidos para as posições do Brasil. O embaixador, que se mostrara algo preocupado com a situação no Brasil, antes de ser chamado para consultas pelo presidente da República, no final da semana reatrasada, afirmou que voltara "muito mais confiante", tendo tido a oportunidade de testemunhar, em Brasília, um processo muito objetivo de reavaliação da política econômica, tanto na área externa quanto na interna.

No governo americano, observa-se, de fato, uma atitude de calculada compreensão e boa vontade em relação à situação brasileira. "O Brasil sempre se comportou de maneira madura nessas ocasiões", afirmou um alto funcionário da administração. O funcionário afirmou, contudo, que é importante que o governo admita que "a atual crise foi motivada por decisões equivocadas de política econômica e tire as consequências desse fato. Se isso acontecer, o Brasil supera essa crise sem maiores dificuldades, pois tem potencial para isso". Assinalando, contudo, um provável obstáculo, a fonte disse que as autoridades econômicas brasileiras deixaram em Washington, nos contatos que tiveram com seus colegas americanos, uma impressão de arrogância que, agora, não ajudará. "É uma questão de estilo. A forma como os negociadores brasileiros se comportaram, por exemplo, nas negociações do Clube de Paris, insultando os credores, não vai ajudar o Brasil agora", acrescentou.

Repetindo uma frase que parece ter-se popularizado entre banqueiros e fontes de organismos internacionais, o alto funcionário disse, também, que, embora o governo americano esteja disposto a ajudar o Brasil, "pouco poderá fazer se o Brasil não ajudar a si mesmo".